

A ANATOMIA E A BIOLOGIA COMO LEITURA IMPOSTA DO CORPO-TEXTO

MARLÈNE MARTY*

Tradução
Fernanda Murad Machado**

RESUMO

As décadas de 1980, 1990 e 2000 constituem um período de grande mudança aos países da América Central no plano político, cidadão, educacional e cultural em geral. Nossa proposta não é estritamente histórica, mas não esqueceremos as marcas da historicidade nos livros didáticos no que refere-se às transcrições e representações das diferentes identidades culturais desta região do mundo. Para não cair na armadilha de uma exortação comum a uma miscigenação contemplativa e presunçosa, deve-se notar que os vários elementos de uma combinação nunca estão livres de tensões, de hierarquizações e de demonstrações de poder e dominação. No intuito de questionar as manifestações do que chamamos miscigenação nos livros didáticos de leitura, optamos por apresentar os livros didáticos que abrangem os anos 1980, 1990 e 2000. A experiência diaspórica transformou consideravelmente a América Central; o desenraizamento, a escravidão, a colonização, a imigração e o exílio são constituídos, ao contrário do que se poderia pensar ou ler, por uma descontinuidade violenta. Paradoxalmente, esta mesma escravidão "unificou" os povos para além das diferenças que os opunham. Para tentar decifrar como as identidades culturais se representam e se auto-representam, mestiços ou não, privilegiamos uma lição que incorpora todos os livros didáticos de leitura do ensino fundamental, a descrição do corpo e de seus cinco sentidos.

PALAVRAS-CHAVE: Miscigenação, Corpo, Livros Didáticos, América.

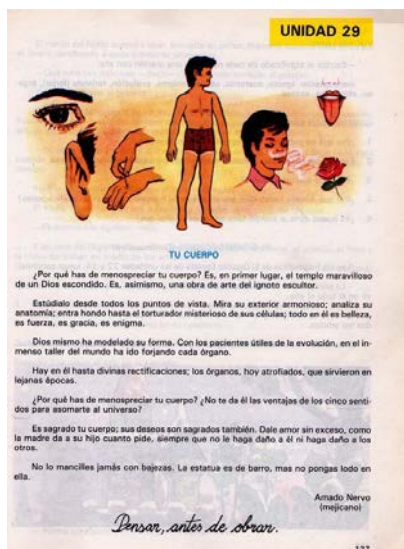
ABSTRACT

The 1980s, 1990s and 2000s are a period of great change for the countries of Central America in political, national, cultural and educational fields in general. Our proposal is not strictly historical, but we won't forget the marks of historicity in the textbooks that refers to transcripts and representations of different cultural identities in this region of the world. To not fall into the trap of an common exhortation to a contemplative and presumptuous miscegenation, it should be noted that the various elements of a combination is never free of tensions, hierarchies and demonstrations of power and domination. In order to question the manifestations of what we call miscegenation in reading textbooks, we chose to present the textbooks covering the years 1980, 1990 and 2000. The diasporic experience changed considerably Central America; uprooting, enslavement, colonization, immigration and exile are made, contrary to what you might think or read, by a violent discontinuity. Paradoxically, this same slavery "unified" people beyond the differences that used to oppose them. To try to decipher how cultural identities are represented and represent themselves, mestizos or not, so we'll see, we favor a lesson that incorporates all the reading textbooks of elementary school, the description of the body and its five senses.

KEYWORDS: Miscegenation, Body, Textbook, America

A doutrina da higiene, forjada nos ambientes de formação e de articulação político-científica da ordem médica, não ficou a eles circunscrita, pois a aquisição da legitimidade desejada só foi possível pelo emprego eficaz de estratégias de difusão de seus princípios, o que foi feito com o recurso à imprensa, folhetos, literatura, parlamento, círculos mais ou menos privados e também à escola, ao longo do século XIX e princípios do XX. Nesse sentido, uma incursão em manuais e guias de higiene, produzidos e utilizados no início do vigésimo século, nos permite apreender importantes aspectos dessas estratégias de difusão de modos de conducta e de modelos de organização escolar postulados pela doutrina médico-higiênica, assim com o lugar que ocuparam, no âmbito dessa produção, as representações que visaram o disciplinamento do corpo infantil.¹

Este artigo abordará um manual de espanhol (aprendizagem da leitura, da escrita, da gramática), o *Nacho panameño*,² do *cuarto de primaria* que integra uma coleção que era referência nas escolas centro-americanas em geral, nos anos 1980.³ Ele data de 1983. Esse manual se endereça a um público de « cuarto », no sistema escolar francês, que equivale à classe CE2, portanto a alunos que têm, em princípio, menos de dez anos. A unidade 29⁴ do *Nacho* aborda a questão, o “tema” do corpo.



Observemos como se organiza esta página : uma imagem, um título, um texto e uma máxima que vem fechar a lição. A imagem mostra um jovem de pé vestindo somente cuecas. Não é uma jovem que é representada; ou seria uma usando cuecas ou outra roupa de baixo qualquer? Isso me parece muito improvável, considerando-se o resultado de certas pesquisas sobre questões de discriminações do tipo genérico nos manuais escolares costarrriquenhos.⁵ De ambos os lados do jovem são mostradas as diferentes partes do corpo (seus « membros », eu não pretendo de forma alguma dominar um vocabulário ligado à biologia), que poderia ser descrito como “em situação”: em situação de ver ou de olhar, de ouvir ou escutar, de tocar ou se picar, de cheirar ou respirar, finalmente, de saborear ou de mostrar a língua.⁶ Noto que a personagem transborda do que, habitualmente, se chama pano de fundo, cuja cor homogênea não deixa de lembrar a pigmentação da pele do jovem (observar como o olho azul parece se fundir nessa coloração).

O título dessa lição é *Tu cuerpo*. A apóstrofe⁷ é um procedimento recorrente nos manuais escolares que visam interpelar o aluno e nele suscitar uma identificação. O texto contém treze frases, mais ou menos longas. O autor do texto, o mexicano Amado Nervo (1870-1919), foi poeta, romancista e ensaísta bem como co-fundador da revista *Modernista*. Nervo é descrito como uma personalidade marcada por “su elevado sentido moral”.⁸ Sua exuberância mística, que parece anacrônica aos olhos de seus contemporâneos, transparece em muitas de suas obras e sobretudo em *Plenitud*⁹ (1918), da qual o texto « Tu cuerpo » é extraído.

Sem me demorar no campo lexical do divino que percorre o texto, devo entretanto sublinhar seu caráter monoteísta. Lembraria que no Panamá é possível qualificar o universo religioso de híbrido: “pocomania”, pentecostismo, batistas, santos negros do catolicismo, rastafarianismo e catolicismo;¹⁰ um universo religioso que era atual nos anos 1980, data da publicação do manual, e que ainda permanece nos dias de hoje.

A construção do Canal do Panamá, mas antes e sobretudo a do caminho de ferro, supôs uma imigração massiva: milhares de antilhanos, de jamaicanos, de salvadorenhos, de chineses consituíram os principais efetivos de uma mão-de obra que cavou e saneou quase 150 milhões de metros cúbicos de terra

então infestada de mosquitos, terríveis propagadores de febre amarela e malária.¹¹

Abro um parêntese pois convém não se calar sobre a especificidade do tratamento infligido aos antilhanos negros, e isso décadas depois da contribuição deles nessas construções. Considerados como inferiores aos negros ditos coloniais, eles sofreram até os anos 1970 um racismo incubado e discriminações cotidianas;¹² eles se organizaram e criaram então, de início, a « Unión Afropanameña », depois, organizações, como a « Acción Reivindicadora del Negro Panameño » (ARENEP) e a « Unión de Negros Panameños » (UNNEP), entres outras. Fecho o parêntese.

As religiões e as crenças diversas praticadas no Panamá por comunidades que eram nacionais em 1983, data da publicação do Manual *Nacho*, passam completamente em silêncio e “invisibilizadas”. Preferem-se a elas a clareza e a simplicidade aparente do texto selecionado, tanto quanto sobredeterminado e que é proposto, como que do nada, a alunos a quem se ensina a ler, não a decodificar ou então a perceber apenas o imaginário nacional projetado como puro, quer dizer, masculino, branco e cristão. Deus aparece como um fervente artesão da teoria evolucionista por causa da alegação “de órgão atrofiado” à qual não retornarei. Enfim, não pretendendo, aqui, uma análise exaustiva do texto, demorar-me-ei somente na última linha.

Antes de tudo, “no lo mancilles con bajezas”. As acepções¹³ de « mancillar » (« amancillar » no manual) e suas declinações são as seguintes:

Mancillar. (De mancilla).1. tr. amancillar. U. t. c. prnl.

Amancillar. (De mancilla).1. tr. manchar (|| deslustrar la buena fama). 2. tr. Deslucir, afear, ajar. 3. tr. ant. lastimar. 4. tr. ant. Causar lástima o compasión.

Mancilla. (Quizá del lat. vulg. macella, manchita). 1. f. mancha (|| deshonra, desdoro). 2. f. ant. paño (mancha oscura en el cuerpo). 3. f. ant. Llaga o herida que mueve a compasión. 4. f. ant. Lástima, compasión. Paño. 7. m. Mancha oscura que varía el color natural del cuerpo, especialmente del rostro. 9. m. Accidente que disminuye el brillo o la transparencia de algunas cosas. 14. m. R. Dom. Decoloración pruriginosa de la piel producida por un hongo.

Manchar, sujar, macular, sofrer, putrefazer etc. Essas definições possuem, em seu bojo, as noções de impureza e de alteração: uma das

percepções mais vivazes, segundo as épocas, da ou das mestiçagens. Prossigo, tem-se de um lado a “estatua es de barro”, uma mistura de terra e de água,¹⁴ de argila, e o emprego de um imperativo, atravessando todo o texto, que preconiza a não incorporação da lama. Que revela esse imperativo? Uma lógica gramatical ou poética talvez. Poder-se-á, também, considerá-lo como uma marca, um traço de um discurso social. Damo-nos conta de que uma vez integrados aos manuais, os textos se “resemantizam” ou são suscetíveis de ser “resemantizados”. Em situação pedagógica, se uma apresentação de Amado Nervo, e de suas obras, não é proposta, o estudante terá o passatempo de interpretar esse texto através de sua própria grade de interpretação, sua lógica de criança, sua visão de mundo talvez a anos-luz da concepção de Nervo.

A lama, tanto em espanhol quanto em francês, remete à sujeira, à baixaza, convocada no texto, ao que é considerado como impuro.¹⁵ Para além do eugenismo como paradigma da identificação e da auto-identificação da formação discursiva nacional,¹⁶ a projeção de uma mestiçagem biológica qualquer (imediatamente convocando a estátua que simboliza a inércia e a estagnação) é descrita como prejudicial para a saúde do corpo. Isso não deixa de lembrar as teorias racialistas e racistas de Gobineau (1816-1882) das quais trata Claude Lévi-Strauss em *Race et Histoire*.¹⁷ A tara da degenerescência se ligava, segundo Gobineau, ao fenômeno de mestiçagem biológica. Lévi-Strauss, por seu turno, insiste na confusão entre a noção puramente biológica, pondo-a em questão a partir da visão contestatória da genética moderna, e as produções sociológicas e psicológicas das culturas humanas.

Essa página do manual de leitura dos anos 1980 põe em tensão o conceito de mestiçagem que aparece muitas vezes, quando se trata da América Latina, como uma realização, um processo evidente e transparente. Esse texto permite dar-se conta de que não é necessário convocar explicitamente um conceito, no caso o de mestiçagem, para que ele aja ou, para retomar Judith Butler,¹⁸ para que ele devesse ser performativo. As estruturas metafóricas e metonímicas têm uma eficácia discursiva e ideológica resistente que não deixa de ser perigosa para a formação psíquica e intelectual dos alunos, numa idade onde eles não possuem as chaves de decodificação necessárias dessas noções de identidades culturais, nas quais, porém, estão inscritos. É fácil compreender que

a colaboração do professor¹⁹ é fundamental, ela permite evitar uma leitura que reproduza a ignorância; em outros termos, trata-se de ensinar as crianças a pensar (a máxima que fecha o texto poderia ser trabalhada a propósito), pois isso não é inato ao homem e à mulher.

Para terminar, abordarei o manual *Texto español Cuarto*²⁰ que integra a série *Hacia el Siglo XX*, pela qual é responsável o Ministerio de Educación Pública (MEP); lembro que essa série tinha sido remanejada para corresponder a diretivas ministeriais no que concerne ao “Día de las culturas”. A lição intitulada “¿Cómo son?” serve de suporte ao aprendizado da natureza e da função do adjetivo qualificativo. Com efeito, num quadro figurando na página direita, uma definição de adjetivo qualificativo é proposta: “Palabras que utilizamos para describir las características físicas y espirituales de todo lo que nos rodea”». O emprego do adjetivo qualificativo nessa lição pressupõe, paradoxalmente, um recurso, paralelo, exclusivo ao verbo ser, verbo da ontologia por excelência ou, como indica Jacques Derrida, um “suplemento de cópula”.²¹

A estrutura da página: um título, uma ordem, quatro imagens, duas ordens e um quadro que contém cinco colunas para materializar os cinco sentidos e os diversos elementos que eles pretendem apreender. Nesse quadro reencontram-se as partes do corpos percebidas isoladamente; constata-se que o pano de fundo do olho azul, uma vez mais, se funde numa coloração branca homogênea: a mesma para todas as partes do corpo. Não era possível e concebível lançar mão de várias colorações afim de dar a ver as epidermes que circundam esses órgãos? É preciso saber que esse manual é usado nas classes das escolas primárias da província de Limón, na Costa Rica, na costa caribenha do país. As professoras e os professores com os quais pude conversar durante minha estadia de pesquisa se dizem incomodados com a pregnância das imagens que mostram “brancos” nas lições relacionadas aos sentidos, ao corpo, como se pretos e/ou amarelos não pudessem ilustrá-los. É interessante se dar conta de que os alunos correm o risco de integrar, rapidamente, esse paradigma exclusivo da branquidão; assim, em “imersão”, em Limón, eu ouvi “na capital todo mundo é branco, então é normal que seja assim nos manuais escolares”. Como indica Louis Marin em *De la représentation*:

O corpo humano enquanto olho, geometria e espécie de “razão natural”, fornece à representação visível regras e leis. Estas últimas não têm outro fim senão fazer com que a semelhança figurativa chegue à sua mais perfeita naturalidade, à sua evidência sensível imediata cuja marca mais nítida é que a imagem pintada possa ser imediatamente *nomeada*.²²

É precisamente aquilo que está em jogo na nomeação, fundado em grande parte no visual, que vem muitas vezes justificar o uso de tal ou tal adjetivo qualificativo “essencializante”:²³ “Você é mestiço: está na cara”. O título da lição: “Como sou eu?” e não “Como são eles?” vem sublinhar o caráter ambivalente e problemático da designação ou da auto-designação. Essa lição não leva em conta, também, o processo complexo da aprendizagem social pelo olhar. Com efeito, insisto de novo, aprende-se a ler como se aprende a ver, a olhar; essa menção é infelizmente ausente das preocupações ministeriais pedagógicas que governam a elaboração dos manuais escolares. A abordagem saussuriana, que liga intrinsecamente o significante ao significado e inversamente, é ainda privilegiada.

Elas/s ou ele/s são afro-descendentes: está na cara! Ela/s ou ele/s são barulhentos: dá pra ouvir! Etc. Depois, o célebre “as coisas são assim”. Os sentidos não enganam jamais a mulher e o homem? Serão infalíveis em todos os pontos? Esse poder de definição de supostas essências pressageou ou acompanhou, sabe-se, os crimes e as derivas mais atroz de nossa humanidade.

NOTAS

* Doutora do Centro de Estudos de Civilizações, Línguas Estrangeiras e Literaturas (CECILLE - EA 4074) da Universidade de Lille 3, Charles de Gaulle - França

** Pós Doutorado pela Universidade de São Paulo (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas).

¹ PIMENTA ROCHA, Heloisa Helena, GONÇALVES GONDRA, José. A escola e a produção de sujeitos higienizados *In: Perspectiva - Revista do centro de ciências da educação* Vol. 20 nº 2 - Educação, política e espaço público. Florianópolis, jul/dez de 2002 (1983), p. 499.

² MONTENEGRO, Otilia Emperatriz, RODRÍGUEZ, Isabel M. de (Adaptadoras). *Nacho Panameño - Libro de lectura y lenguaje - Cuarto de primaria*. Panamá, SUSAETA Ediciones, 1983, 158 p.

³ SÁNCHEZ GONZÁLEZ, Marta Eugenia, FLORES DAVIS, Luz Emilia, *La lectura y la escritura - Camino para la excelencia en la educación*. San José (CR), Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura (UNESCO), Ministerio de educación pública (MEP), 2000, pp. 265-268. (Col. Proyecto UNESCO/Países bajos 519/COS/12: apoyo de la calidad de la educación costarricense). DEPARTAMENTO DE ASUNTOS EDUCATIVOS, Unión Panamericana, Organización de los Estados Americanos, *Los libros de textos de las escuelas primarias de América*. Washington, Departamento de asuntos educativos, Unión Panamericana, Organización de los Estados Americanos (OEA), 1964, 60 p.

⁴ *Ibid.*, p. 127.

⁵ Os meninos e as meninas são, hoje em dia (2005-2010), raramente mostrados “levemente vestidos”. Quando se trata de jovens, o gênero masculino vestido de cuecas foi repertoriado como recorrente nos manuais escolares costarriquenhos dos anos 1980-1990. Qual foi a recepção das jovens estudantes? Certos pesquisadores estimaram que isso era suscetível de ser percebido e vivido como uma imposição violenta. Cf. MINISTERIO DE CULTURA, Fondo de las Naciones Unidas para el Desarrollo de la Mujer, Fondo de las Naciones Unidas para la infancia (UNIFEM-UNICEF), Centro Mujer y Familia, Ministerio de Educación, Centro Nacional de didáctica (eds.), *Análisis de roles y estereotipos sexuales en textos escolares en Costa Rica*. San José (CR), Ministerio de Cultura, UNICEF-UNIFEM, Centro Mujer y Familia, Ministerio de Educación, Centro Nacional de didáctica, 1991, 88 p.

⁶ Como minha irmã pequena, então com sete anos, me indicava.

⁷ Cf. GENETTE, Gérard. *Palimpseste*. Paris, Seuil, 1982, 576 p.

⁸ BELLINI, Giuseppe. *Nueva historia de la literatura hispanoamericana*. Madrid, Castalia, 1997, p. 275. (Col. Literatura y sociedad).

⁹ NERVO, Amado. *Plenitud*. Barcelona, Obelisco, 2000 (1918), 70 p. (Col. Magoria).

¹⁰ BRETT, Edward. The impact of religion in Central America - A bibliographical essay *In: The Americas 49-3*. Washington, Academy of American Franciscan History, 1993, pp. 297-341. SAMANDU, Luis. El universo religioso popular en Centroamérica *In: Estudios sociales centroamericanos - Revista de la secretaría general de CSUCA 51* Religiosidad y cultura popular. San José (CR), Programa Centroamericano de Ciencias Sociales, septiembre-diciembre de 1989 (1972), pp. 81-95.

¹¹ MALONEY, Gerardo. *El canal de Panamá y los trabajadores antillanos - Panamá 1920 - Cronología de una lucha*. Panamá, Ediciones Formato 16, 1989, 54 p; JOS, Joseph, *Guadeloupéens et Martiniquais au canal de Panama - Histoire d'une émigration*. Paris, l'Harmattan, 2004, 260 p; GELOS, Patricia Pizzurno. *Historia de las contribuciones étnicas a la nacionalidad panameña (siglos XIX y XX)*. Panamá, Editorial Portobelo, 1999, 21 p. PUBLICATION OF THE PROCEEDINGS OF SYMPOSIUM HELD AT THE UNIVERSITY OF THE WEST INDIES

MONA, *West Indian participation in the construction of the Panama Canal*. Jamaica, University of the West Indies Mona, 2000, 96 p; VILLAR, Roberpiere. *Nuestra herencia oculta - Desarrollo de la cultura china en Panamá en el siglo XIX*. Centro Cultural Chino-Panameño, Panamá, 2002, 104 p; CASTRO, Carlos, Estado y movilización étnica en Panamá *In: Estudios sociales centroamericanos - Revista de la secretaría general de CSUCA 48 Costa Atlántica en Centroamérica*, San José (CR), Programa Centroamericano de Ciencias Sociales, septiembre-diciembre de 1988 (1972), pp. 115-124; CHOU, Diego L., Los chinos en Panamá *In: Los Chinos en Hispanoamérica*, San José (CR), Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (FLACSO), 2002, pp. 22-37. (Col. Cuadernos de Ciencias Sociales 124) CONNIFF L., Michael, The rise and decline of the West Indian Community in Panama *In: El Canal de Panamá en el siglo XXI*. Actas del Encuentro académico internacional sobre el canal de Panamá (4-5 de septiembre de 1997), Panamá, Editorial Universitaria, 1998, pp. 87-95.

¹² NACIONES UNIDAS (CERD/C/PAN/Q/15-20), *Convención Internacional sobre la Eliminación de todas las Formas de Discriminación Racial*, 76º período de sesiones: 15 de febrero a 12 de marzo de 2010, 61 p.

¹³ Todas as definições que seguem provêm do dicionário da *Real Academia Española: Diccionario de la lengua española*, Vigésima segunda edición.

¹⁴ Masa que resulta de la mezcla de tierra y agua.

¹⁵ Ralph Ings Bannell se interessou pela questão da impureza nos manuais escolares brasileiros; remeto a seu artigo: INGS BANNEILL, Ralph, Ensino reflexivo e o ponto de vista de razão impura *In: Perspectiva - Revista do centro de ciências da educação* Vol.18 nº 34 *Educação, política e espaço público*, Florianópolis, jul/dez de 2000 (1983), pp. 87-108.

¹⁶ Convido a um olhar sobre os manuais de urbanidade para que se possa fazer uma idéia de qual foi a gênese disso.

¹⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire* suivi de *L'œuvre de Claude Lévi-Strauss*. par Jean Pouillon, Paris, Denoël, 1987 (1952), 127 p.

¹⁸ BUTLER, Judith, *Le pouvoir des mots: politique du performatif*, traduzido do inglês por Charlotte Nordmann, Paris, Éditions Amsterdam, 2004, 287 p.

¹⁹ A propósito da formação dos professores, remeto a estes artigos: CARVAJAL ALVARADO, Noé; SOLANO ALPIZAR, José. La formación de docentes de I y II ciclo para comunidades indígenas - Una respuesta educativa de la universidad nacional *In: Revista Educación - Revista de La Universidad de Costa Rica* Vol. 24-especial, San José (CR), Editorial de la Universidad de Costa Rica (UCR), 2000 (1977), pp. 99-104; HERNÁNDEZ CRUZ, Omar. Historias de vida e identidades étnicas, la visión de los maestros del Atlántico costarricense *In: Revista de Ciencias Sociales* 58, San José (CR), Editorial de la Universidad de Costa Rica (UCR), 1992 (1959), pp. 75-83; VILLALOBOS ZAMORA, Luis Ricardo. Marginalidad, educación y formación de maestros en Costa Rica *In: Educación - Revista de La Universidad de Costa Rica* Vol. 12 nº 2, San José (CR), Editorial de la Universidad de Costa Rica (UCR), 1988 (1977), pp. 23-30.

²⁰ DUCCA DURAN, Isabel, MORA ALFARO, Yadira (coord.). *Español - Texto 4*, San José (CR), PROMECE-MEP, Editorial de la Universidad de Costa Rica (UCR), 1996, p. 76. (Col. Hacia el siglo XXI)

²¹ DERRIDA, Jacques. « Supplément de copule » in *Marges de la philosophie*, Paris, Éditions de Minuit, 1972, pp. 209-246. (Col. Critique)

²² MARIN, Louis. *De la représentation*. Paris, Seuil/Gallimard, 1994, pp. 32-33.

²³ Interessei-me por essas questões em meu artigo intitulado «Dévoilement d'un corpus stéréotypant In: ZOUNGBO, Victorien Lavou et VIGOYA, Mara Viveros (Eds.). *Mots pour Nègres Maux de Noir(e)s. Enjeux sociosymboliques de la nomination des Noir(e)s en Amérique latine*. Perpignan, Presses Universitaires de Perpignan, 2004, pp. 379-390 (Col. Marges n°25)

Data de envio: 29/06/2011

Data do aceite: 09/09/2011